

**PESQUISAS, ESTUDOS E SUJEITOS: QUE
IMBRICAMENTOS NA PRODUÇÃO
DE CONHECIMENTO?**

**RESEARCH, STUDIES AND SUBJECTS:
WHAT ARE THE EMBRICAMENTOS IN
KNOWLEDGE PRODUCTION?**

George Saliba MANSKE*

Resumo: Problematizo, neste artigo, os modos pelos quais as distintas posições de sujeito que podemos assumir durante a ação de pesquisar atuam, perpassam e constituem a maneira pela qual construímos conhecimento em nossas investigações. Para isso apresento, desde uma perspectiva pós-estruturalista, os caminhos pelos quais desenvolvi uma investigação durante o curso de mestrado que realizei, atentando para algumas considerações sobre os acontecimentos que perpassaram esses atos de escrever, investigar e estudar. No desenvolvimento de tais problematizações discuto, num primeiro momento este texto, alguns elementos que compõem a corrente de pensamento ora denominada de pós-estruturalista, à qual estive inserido no decorrer destas discussões e na realização de meu estudo. A seguir, a partir de tal perspectiva teórica, destaco como os imbricamentos existentes entre as distintas posições do sujeito que pesquisa, acabam por influenciar e delinear aquilo que investiga e escreve. Por fim, procuro articular tais pressupostos e discussões com o modo pelo qual realizei e experimentei uma prática específica de pesquisa, a qual resultou em meu estudo durante o curso de mestrado.

Palavras-chave: Estudos. Produção de conhecimento. Sujeitos. Pós-estruturalismo.

Abstract: In this article the distinct subject roles the researcher may take during the development of research is discussed, as well as the ways in which researchers produce knowledge during their investigations. In order to do this, a post-structuralist perspective is taken to demonstrate the steps taken to develop a piece of research during my master's degree; special attention is given to some of the issues that involved the acts of writing, investigating and studying. In the first part of this article I discuss some of the

* Mestre em Educação pela Universidade do Rio Grande do Sul (UFRGS). Coordenador e docente do curso de Licenciatura em Educação Física do Instituto Blumenauense de Ensino Superior (IBES). gsmanske@yahoo.com.br

elements that form the line of thought called post-structuralist. From this perspective I point out the existing interlinkings between the distinct positions that a researcher may take which influence and delineate what the researcher investigates and writes. In the final part of the article, I make an attempt to articulate such presuppositions and discussions with how I experienced a specific research practice which resulted in the investigation I made during my master's studies.

Keywords: Studies. Knowledge production. Subjects. Post-structuralism.

Ao nos lançarmos na prática da pesquisa, que elementos e de que modo ela influencia nossas produções? Qual a importância da escrita e como este ato perpassa o que produzimos enquanto distintos sujeitos que somos? Há produções de material empírico ou estamos apenas coletando dados? Quais as possíveis articulações e efeitos das funções do sujeito pesquisador e as outras posições de sujeito que nos constituem enquanto escrevemos sobre outros e quiçá sobre nós mesmos?

Na esteira destas questões e, a fim de problematizá-las, desenvolvo o presente texto em três momentos. O primeiro se refere ao modo de olhar, desde uma perspectiva teórica pós-estruturalista, a qual conduziu a construção das problematizações que aqui apresento e que, de modo geral, vêm conduzindo meus estudos. Num segundo momento estabeleço algumas reflexões sobre a pluralidade de posições assumidas pelo autor durante o

processo de investigação e de escrita, assim como algumas considerações sobre o ato de escrever. A possibilidade de experimentarmos distintas posições enquanto observamos, entrevistamos e escrevemos sobre outros, e o modo como tais possibilidades atravessaram a elaboração de modo um determinado estudo¹, constituem o terceiro momento deste texto. Passemos, então, a estas problematizações e às considerações delas resultantes.

1 DELINEAMENTOS TEÓRICOS

A perspectiva teórica assumida, quando da realização de uma pesquisa, não indica apenas em que marco teórico tal produção acadêmica será desenvolvida, mas, antes disso, delimita as maneiras como será construído o objeto de estudo, as questões de pesquisa, o material empírico e as problematizações a serem feitas, os caminhos metodológicos, os recortes,

¹ Refiro-me à investigação que resultou na dissertação de mestrado intitulada "Um currículo para a produção de lideranças juvenis na Associação Cristã de Moços de Porto Alegre" (MANSKE, 2006), realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação da Prof^a Dr^a Elisabete Maria Garbin.

as unidades, as problematizações. Em suma, a inscrição teórica condiciona as possibilidades de composição, os modos de elaboração, as maneiras de olhar e construir a pesquisa e(m) seus múltiplos movimentos; a maneira pela qual estaremos entendendo o nosso mundo particular da investigação.

A fim de discutir as questões pelas quais iniciei este texto, destaco ao leitor que, ao elaborar meu estudo durante o curso de mestrado, procurei deslocar meu olhar de um referencial teórico que buscasse explicar como as coisas verdadeiramente são. Não me vali de paradigmas apregoadores de que através do uso correto da razão e do progresso do conhecimento, poderíamos, enfim, chegar à verdade universal e absoluta, a qual desvendaria o homem escondido entre camadas insidiosas e misteriosas.

Tal entendimento de verdade e de emancipação do homem é resultante de diversas transformações ocorridas num período que tem início no Renascimento e consolida-se no Iluminismo, denominado de Modernidade (HALL, 2003; SILVA, 1999). O modo de compreender o mundo desenvolvido a partir dessas lógicas racionais influenciou diferentes campos do saber que, a partir desta racionalidade, buscaram analisar diversos acontecimentos, constituindo, assim, variadas epistemologias. Embora distintas, tais epistemologias apresentam algumas características em comum, como, por exemplo, a concepção de linguagem (VEIGA-NETO, 2002).

Veiga-Neto (2002, p. 26) enfatiza que nas distintas epistemologias desenvolvidas a partir do pensamento moderno “a linguagem é entendida como um instrumento capaz de descrever o mundo e, de certa forma, representá-lo”. O autor segue afirmando que, nesta perspectiva, a linguagem funciona como um meio capaz de chegar à realidade, quer seja por sua aplicação minuciosa e descritiva dos fatos observados, quer seja pela aplicação correta que supere as distorções que os fatos colocam sobre a realidade.

Este entendimento de linguagem é deslocado no início do século XX principalmente a partir dos trabalhos do lingüista suíço Ferdinand Saussure. Para Saussure (1995), a linguagem não é uma ferramenta utilizada para a apreensão e a descrição do real e da verdade das coisas, mas sim, é ela que delimita e produz o que são as coisas a partir das estruturas sociais internas que a conformam.

Muitos outros autores elaboraram, a partir dos trabalhos de Saussure, algumas considerações em relação à concepção de linguagem por ele promulgada. Para o movimento de pensamento ou a atitude convencionalizada de pós-estruturalismo a linguagem adquire maior centralidade enquanto meio de produção de significados e, de certa forma, é radicalizada em relação à concepção desenvolvida nos trabalhos do lingüista já aqui referido (SILVA, 1999). A linguagem, então, não apenas atua na significação das

coisas e de seus significados - tampouco é entendida como descritora dos eventos materiais – porém, antes disso, “o processo de significação continua central, mas a fixidez do significado que é, de certa forma, suposta no estruturalismo, se transforma no pós-estruturalismo em fluidez, indeterminação e incerteza” (SILVA, 1999, p. 119).

Assumir a importância da linguagem como um meio de produção de sentidos e significados requer pensar não apenas como a linguagem funciona na produção desses significados, mas também, quais os efeitos desses processos de significação em nossas vidas, em nossas práticas, em nossas subjetividades, nas maneiras como nos entendemos e compreendemos o mundo. Tal deslocamento proposto no pós-estruturalismo – principalmente nas vertentes que se utilizam dos estudos de Michel Foucault (1992; 2004) - evidencia a necessidade de problematizar o que é produzido como verdade e como conhecimento, com que efeitos e para quem, quem pode, o quê, de que posição, em que momento e de que maneira participar no processo de significação. Em suma, tal perspectiva advoga a necessidade de estarmos atentos às relações de poder e às posições discursivas que podemos assumir quando nos lançamos na prática de produções de conhecimento.

É desde esse entendimento teórico que procurei problematizar a construção de meu estudo, principalmen-

te, no concernente às condições que pude assumir ao escrever, observar e entrevistar os sujeitos da investigação que realizei.

Nas seções que seguem, teço algumas considerações sobre o modo pelo qual venho entendendo como as distintas posições de sujeito que nos constituem, podem atuar na construção de nossos estudos, assim como, sobre alguns elementos imbricados com o ato de escrever. Tendo realizado estas discussões, dedico-me a explorar as ferramentas teóricas utilizadas em meu estudo (MANSKE, 2006) desde tais problematizações.

2 DAS PRODUÇÕES DE NOSSOS ESCRITOS: QUE AUTOR(ES)? O QUE PRODUZ(EM)?

Vivem em nós inúmeros. Se penso ou sinto, ignoro quem é que pensa ou sente. Sou somente o lugar onde se sente ou pensa. Tenho mais almas que uma. Há mais eu do que eu mesmo (Fernando Pessoa).

O que escrevemos e propomos investigar se re-significa diante das e nas relações com as diferentes situações que foram nos constituindo ao longo da vida. Parece-me necessário termos tal reflexão em nossas agendas enquanto pesquisamos e escrevemos, visto que são essas condições que nos dão suporte para desenvolvermos algo de um determinado modo e não de outro. Dessa maneira, julgo pertinente refletirmos so-

bre as inúmeras condições que possibilitam que escrevamos sobre algo de uma forma específica; que ressaltamos as experiências que se fazem mais presentes nos modos de construção de nossos escritos.

Ao tomarmos outras situações das quais fizemos parte como ecos que podem ressoar durante a construção de nossos textos, acabamos por nos distanciarmos da busca de uma neutralidade e de uma verdade definitiva sobre aquilo que produzimos. Nesse sentido, entendo que a posição de quem escreve está situada num tempo e espaço específicos, os quais possibilitam desencadear determinadas inferências e pensamentos em detrimento de outros. Aquilo que escrevemos pode estar mais implicado com as posições que assumimos para falar sobre certas coisas e de um determinado modo do que com qualquer proposição de verdade definitiva que seja. Como argumenta Foucault (1992), a autoria não está numa idéia primeira ou na apropriação de um tema, mas antes nas possibilidades de pensar e escrever marcadas por contextos específicos, num retorno daquilo que se tornou possível pensar.

As vezes, práticas e sujeitos que participaram de nossa constituição, enquanto sujeitos que somos, permitem fazer textos e falas específicas dentro e a partir de um regime maior de possibilidades. Foram, de certa forma, estes atravessamentos que nos produziram sujeitos implicados com

as práticas nas quais buscamos investir; são essas formas de relações singulares experimentadas e estabelecidas entre nós mesmos que nos sujeitam e perpassam os modos de construção de nossos escritos.

Mas, diante desta multiplicidade de atravessamentos que perpassa o ato de escrever, o que e quem acabamos por produzir?

Advogo, aqui, a idéia de que nos constituímos enquanto escrevemos. Não desde uma tábula rasa, um lugar vazio e primeiro no qual algo surja, mas a partir de algumas posições que se e nos transformam, incerta e incessantemente no momento exato em que escrevemos. Um transformar contínuo, ininterrupto, sempre aberto e inacabado, experiências múltiplas em diferentes tempos e lugares de nossas escritas, de nossos estudos, de nossas pesquisas.

Este movimento de transformação e de deslocamento através da escrita do texto e de nós mesmos, potencializa-se no processo de criação desta mesma escrita. Não há, enfim, uma frase que desde sua colocação no papel já esteja dada, acabada, pronta. O movimento de escrita necessita de leituras e releituras, de acréscimos e decréscimos, de enxertos e de sobreposições para a composição de algo que nunca estará, por fim, terminado. Mesmo que esteja imóvel no papel, assim não permanece no momento de nossas leituras, pois a palavra, a grafia em si mesma não tem sentido *a priori*, mas adquire significado atra-

vés de nós, de nosso repertório histórico, lingüístico e cultural.

E se o escrever é um ato já de início incompleto, e enquanto escrevemos nos transformamos, essa ação de escrita como um exercício de si sobre si mesmo ocorre numa correspondência, ou seja, constituímos-nos num processo inacabado, adiado, sempre aquém e além de um ponto fixo e preciso. Um devir.

Desse modo, penso que somos o objeto primeiro da ação da escrita e alio-me a Larrosa (2004), quando advoga a potencialidade e a produtividade de escrevermos em primeira pessoa, escrevermos a partir do eu.

A escrita em primeira pessoa abre a possibilidade não para uma posição do autor que realmente exprima a verdade sobre si ou sobre seu estudo, mas abre brechas e fendas nas quais as distintas experiências daquele que escreve venham constituir aquilo que escreve. “A primeira pessoa não está presente necessariamente como ‘tema’, mas como ponto de vista, como olhar, como posição discursiva, como posição pensante” (LARROSA, 2004, p. 36).

Escrever em primeira pessoa desencadeia uma série de ações nas quais os sentidos móveis que constituem e atravessam o sujeito possam ser re-lidos, refeitos e novamente constituídos a partir da escrita em si mesma, na constituição daquilo que escreve. Escrever desse modo, então, não se encerra nem no sujeito e nem no texto, mas ocorre, de modo inde-

terminado e inapreensível, a partir do sujeito do texto, aquele da primeira pessoa. É assim que venho escrevendo meus estudos, entendendo que não há, neste movimento de escrita e elaboração, nenhuma intenção de verdade definitiva sobre algo, mas aberturas e proposições, fissuras e elaborações estabelecidas desde aquilo que me possibilita o que escrever e da maneira como fazer, que mobiliza e potencializa outras possibilidades acerca daquilo que escrevo.

Larrosa (2004), ao ensaiar sobre o ensaio como um modo de ensaiar-se na vida, aponta que um aspecto importante deste modo de pensar não está tanto nas posições de sujeito e nem nas o-posições ao sujeito, mas sim nas exposições do sujeito, o sujeito, assim então, exposto. Expor-se. Expor-se na primeira pessoa do texto. Colocar-se à vista, posicionar-se como autor, não como um autor onde há um lugar primeiro e originário das idéias, mas como um lugar que não tem nem início e nem fim, mas um meio, um lugar a partir do qual seja possível falar, narrar, pensar e viver.

No entanto, se pensarmos sobre o que Larrosa (2004) escreveu, poderíamos desmembrar algumas de suas proposições e propor outras aberturas de discussões. Refiro-me ao termo e à ação de exposição. Se nos tivermos tanto na ação da exposição como no termo, e pensarmos a respeito das posições que nos constituem e que possibilitam que escrevamos a partir delas, poderíamos transformar

a exposição do autor, como exercício da escrita em primeira pessoa, em exposições do autor, como lugares que possibilitam e potencializam as exposições daquele que escreve em primeira pessoa. Dessa forma, teríamos exposições a partir de exposições, o que nos endereça às considerações sobre autoria e linguagem, já referidas e desenvolvidas neste texto.

Foi desde este entendimento sobre o ato de escrever e de investigar que realizei minha pesquisa durante o curso de mestrado. Nela empreendi, como metodologia de produção de material empírico, observações e registros dos encontros de que participei, assim como, algumas entrevistas com os sujeitos participantes. De que modo, então, tais pressupostos teóricos acabaram por conduzir esses processos investigativos?

3 DAS PRODUÇÕES DE MATERIAL EMPÍRICO

Cabe ressaltar, para um melhor acompanhamento do leitor, que meu estudo foi realizado na Associação Cristã de Moços² (ACM) de Porto Alegre. AACM é uma instituição com mais de 150 anos de existência na referida cidade, desde sua institucionalização em Londres, Inglaterra, no ano de 1844. Neste momento, creio que seja oportuno destacar que al-

guns temas tornaram-se centrais em meu estudo, constituindo, desde a construção do objeto até as análises e considerações realizadas, a base na qual desenvolvi minha investigação. São eles: juventude, produção de lideranças juvenis e voluntariado social. Estas práticas e temas constituem os grupos de liderança juvenil da ACM de Porto Alegre, espaço a que estive vinculado desde o segundo semestre de 2004 até meados de 2005 na realização dos processos investigativos da referida pesquisa (MANSKE, 2006). Neste processo, tive como objeto de estudo as produções dos jovens líderes acemistas para o exercício de voluntariado social e, na realização das discussões referentes a esta matéria, procurei problematizar as práticas desenvolvidas nos grupos de liderança juvenil que foram propostas com a intenção de formar jovens líderes para o exercício do voluntariado social.

Destaco ao leitor que participei, no total, de 26 (vinte e seis) encontros com os grupos de jovens da ACM e, dentre estes, ênfase, neste texto, os encontros tradicionais dos grupos de jovens líderes que ocorriam semanalmente às segundas-feiras, a formatura dos jovens como líderes acemistas, o Encontro Regional de Líderes da ACM, e outros encontros esporádicos que serviam para o desenvolvi-

² Chamo a atenção do leitor para o fato de que usarei ao longo deste texto a abreviatura ACM para tratar da Associação Cristã de Moços, assim como o termo acemistas para designar práticas e sujeitos que estejam vinculados à ACM.

mento dos princípios acemistas nos jovens.

Nos encontros de que participei, fiz observações das atividades direcionadas à formação dos jovens integrantes dos grupos de liderança juvenil acemista e, a partir destas observações, produzi registros escritos em diários de campo daquilo que por ora observava. Além das observações e registros realizados, também realizei algumas entrevistas com os jovens participantes dos grupos de líderes da ACM, e tomei ambas intervenções como metodologias de construção de material empírico para minha investigação.

Ressalto que observei e registrei em diários de campo os 26 (vinte e seis) encontros os quais participei com os jovens em seus grupos de liderança juvenil, assim como gravei, aproximadamente, 60 (sessenta) minutos de entrevista com esses sujeitos. Passo, então, a discutir os modos pelos quais me vali dessas metodologias, e o que tais processos de investigação acabaram por produzir como material empírico.

3.1 OBSERVAÇÕES E REGISTROS COMO FERRAMENTA DE PRODUÇÃO DE MATERIAL EMPÍRICO

Como um primeiro apontamento sobre a utilização desta ferramenta metodológica, saliento que realizei registros escritos desde os primeiros contatos que fiz com a instituição ACM. Tal consideração se deve ao

fato de que exerci uma certa posição de autoridade ao descrever, refletir e evocar alguns acontecimentos a partir das observações realizadas lá no local de investigação até desde os relatos que teci sobre as mesmas posteriormente.

A experiência de ter estado naquele espaço me colocou uma dívida diferida de (d)escrever fielmente as atividades que observei. Isso porque “a textualização científica não recapitula essas atividades; as re-constrói mudando sua ordem, eliminando erros, fazendo analogias entre certos atos” e entre os sujeitos participantes das atividades observadas (TYLER, 1992, p. 290). Assim, a escrita que busca de alguma maneira iluminar a verdade dos fatos ocorridos no espaço de investigação, ou ainda, de representá-los da maneira mais fiel possível, encerra-se e esbarra-se nas posições do autor e de seus interesses nas escritas de seus textos.

A elaboração dos textos sobre aqueles que foram observados e acerca do local de investigação e dos acontecimentos lá ocorridos, apresenta-se como uma experiência subjetiva daquele que esteve no local de investigação naquele momento e que, posteriormente, descreveu aquilo que observou, visto que não há uma separação fundamental entre o sujeito que descreve e aquilo o que descreve (TYLER, 1992, p. 291). No entanto, mesmo tencionando a posição sempre delicada de autoridade que inevitavelmente está imersa numa rede de

num exercício de poder, utilizei essa experiência e os registros feitos em diários de campo como um processo metodológico de produção de material empírico para o referido estudo (MANSKE, 2006). Como afirmam Marcus e Cushman (1992, p. 171), a elaboração dos textos escritos a partir das observações realizadas nos espaços de investigação condiciona-se “como um método - mais do que um produto - da investigação”.

Ao pensar sobre a posição que a prática etnográfica pode ocupar na produção de saberes procurei, ao transcrever trechos dos meus registros no texto da dissertação realizada, ter dimensão das implicações presentes em minha carga de autoridade em colocar “outros no papel”, torná-los acessíveis aos que leram e lêem meus escritos. Parece-me imprescindível pensar que esse exercício não somente é difícil como tem grandes consequências para o autor, para o leitor e para aqueles que são descritos; é importante dizer que refletir sobre estes aspectos e fazê-los durante a escrita “não alivia ninguém da carga da autoria; pelo contrário, a torna mais pesada” (GEERTZ, 1989, p. 60).

Assim, inferindo a respeito de minha posição enquanto pesquisador que se propôs a descrever e investigar sobre aquilo e aqueles que observou, os registros dos diários de campo podem estar para além e para aquém do alcance de alguma proposição de verdade que se suponha, pois parecem-me muito mais implicados com

processos de produção de saber e de relações de poder. No entanto, este dilema frente à autoridade etnográfica não implicou, necessariamente, em abandonar a pretensão de utilizar os registros feitos a partir de observações como pressupostos teórico-metodológicos. Pelo contrário, a utilização desse processo me exigiu bastante coerência enquanto escrevia, fazendo com que procurasse estratégias que explorassem os embates das diferentes formas de exercício de minha autoridade no campo de investigação.

Esses diferentes embates se manifestaram, principalmente, de acordo com as múltiplas posições que pude experimentar nos distintos encontros de que participei, cada um com uma ênfase específica para a produção de jovens líderes. Dentre os inúmeros registros que teci, trago alguns exemplos das possibilidades de posições que assumi e como acabei por utilizá-las.

Dentre os inúmeros encontros de que participei as reuniões de segundas-feiras, constituíam-se em um encontro semanal dos líderes juvenis, ocasião em que eram abordados temas diversos. No entanto, embora houvesse espaço para discutir assuntos variados, os modos de abordá-los e que tipos de saberes balizavam as discussões estavam sempre calcados nos preceitos acemistas, como, por exemplo, quando da eleição da nova diretoria e do líder dos grupos, que

embora fosse realizada de maneira para que os jovens compreendessem como funciona uma eleição, discutindo com eles o que era e o que significava votos nulos e brancos, sempre que era possível, se enfatizava a necessidade de se escolher um bom candidato, observando o perfil dele e pensando que tipo de líder ele era, ou ainda, que tipo de liderança era por ele exercida, se democrática, autocrática, paternalista, liberal etc. Tudo baseado na discussão realizada a partir da ‘apostila de liderança’ (Diário de campo, 25/10/2004).

Minha participação e posição nos encontros se situava entre um pesquisador interessado nos grupos de jovens e um participante dos movimentos de formação acemista, fato que, acredito, me dava alguma legitimidade enquanto participante, e me auxiliava, quando tinha a oportunidade, a realizar perguntas para os grupos de jovens que me respondiam de prontidão aquilo que eu indagava.

Nos primeiros encontros de que participei, procurei, de algum modo, não ocupar uma posição que se aproximasse daquela ocupada pelo coordenador dos grupos de jovens. Isso foi em vão, pois, como comenta Tyler (1992), é um engano tentar fazer aquele que é observado acreditar que o observador é um igual participante. Como um ingrediente a mais que influenciava minha posição nas reu-

niões com o grupo, também cabe registrar o fato de que eu chegava nos lugares ao local junto com o coordenador e, justamente na primeira reunião de que participei, ele “me apresentou brevemente, primeiro como líder universitário, depois como pesquisador. E na saída, indo em direção ao carro, deu-me um broche da ACM” (Diário de Campo, 30/08/2004).

Após alguns encontros, comecei a entender que naquele espaço eu ocupava uma posição específica, nem como coordenador e tampouco como jovem, algo assim entre um voluntário mais velho e alguém que fazia uma pesquisa. Essa posição, porém iria variar de acordo com o evento do qual eu estivesse participando, de acordo com as pessoas que estivessem envolvidas, ou seja, minha posição parecia-me sempre relacional (e há alguma que não seja!?).

Uma outra atividade de que participei foi a oficina de abertura do Encontro Regional de Líderes, que tinha como tema o “Movimento Acemista” no mundo. Nessa atividade assumi, assim como os jovens e outros convidados que lá estavam, uma posição de espectador, ou seja, apenas observei as informações que eram proferidas pelo palestrante. Assim, ao invés de auxiliar nas atividades, tal como ocorrera na eleição do líder do grupo, referido no excerto anterior, apenas observei e fiquei tecendo relatos em meu caderno de diários de campo, como podemos observar, no trecho a seguir:

Há no total 54 jovens. Treze são da Restinga³ e nove do Passo D'Areia. Os alunos estão organizados nas cadeiras, dispostas em fileiras de frente para o palestrante, que utiliza um retroprojeter. Será que poderíamos estar em outra disposição que não essa extremamente disciplinadora e marcadora de posições? Não sei... Enfim, os jovens estão dispersos por unidades, e isso não me parece por obrigação. Os jovens da unidade da Restinga chegaram por último, um pouco atrasados. Quando eles chegaram a palestra começou (só faltavam eles. Afinal, é a unidade mais distante da ACM centro). Entre os temas abordados pelo secretário, me chama a atenção a autonomia das ACMs no mundo; a Base de Paris (que ouço a todo momento!); que a ACM funciona tal qual uma Igreja, que no sentido primado quer dizer comunidade e etc. Além disso, sempre que pode, o palestrante comenta sobre esporte e futebol - como isso está presente na fala acemista! Mas é claro, como não podia deixar de citar, parece que o discurso cristão fundamenta todas as ações (Diário de campo, 24/09/2004).

Não gostaria de tomar este excerto pelo seu conteúdo, mas sim de refletir que minha descrição nesta atividade

difere da descrição do anterior, referente à eleição da nova diretoria dos líderes.

É possível percebermos que neste último fragmento, quando participei como observador, pude registrar, no momento real da atividade, minhas inferências acerca daquilo que ouvia do palestrante, como por exemplo, as questões relacionadas ao esporte e ao discurso cristão. Desse modo, penso que a escrita que ocorre durante aquilo que se vivencia, proporciona um outro tipo de registro acerca do que se ouve, sente e pensa. Tal escrita é diferente da descrição daquele que vivencia uma experiência e depois, em casa ou em outro local, passa a transcrever aquilo que observou, situação esta ocorrida no caso da minha escrita sobre a eleição da nova diretoria do grupo, pois, mesmo tendo participado com os jovens dessa atividade, percebendo seus sentimentos e aquilo que lhes acometia, quando transcrevi, utilizei muito mais do recurso descritivo do que de minhas reflexões, questionamentos e inferências sobre os sentidos móveis que me atravessavam naquele momento. Talvez isso se deva, como sugerem Marcus e Cushman (1992), ao fato de que os distintos relatos daquele que observa compõe “uma mescla de múltiplas realidades negociadas escritas em textos etnográficos de autoridade dispersa” (MARCUS e CUSHMAN, 1992,

³ Tanto a Restinga como o Passo D'Areia são bairros de Porto Alegre nos quais encontram-se unidades da ACM.

p. 190), o que acaba por produzir textos distintos de acordo com os momentos e as possíveis posições ocupadas por aquele que descreve, ratificando a impossibilidade da escrita fiel, real e mais próxima da verdade que se poderia almejar.

Assim, as questões antes discutidas sobre linguagem e as inúmeras possibilidades de posições que podemos experimentar enquanto escrevemos sobre algo, parecem-me imbricadas com a experiência que tive em minha pesquisa, ao observar e descrever sobre os sujeitos de minha investigação e, principalmente, ao produzir conhecimento a partir destes acontecimentos.

Uma outra ferramenta metodológica utilizada na investigação foi a entrevista, e passo a discuti-la a seguir.

3.2 ENTREVISTAS: PRODUÇÃO DE MATERIALE DE SABER SOBRE OS SUJEITOS DA INVESTIGAÇÃO

Na complementação de ferramentas metodológicas para a produção de material empírico, realizei duas entrevistas com os jovens participantes dos grupos de liderança da ACM. As entrevistas foram concebidas como instrumentos metodológicos que se articularam às observações por mim realizadas nos grupos de jovens líderes, tornando-se elementos que potencializaram os modos de olhar e de compreender as práticas acemistas e os

jovens dos grupos de liderança da ACM.

As entrevistas, segundo considerações de Zago (2003), possuem uma relação inseparável com as observações realizadas no trabalho de campo, visto que se encontram apoiadas em “recursos cuja função é complementar informações e ampliar os ângulos de observação e a condição de produção” do material empírico, compondo, em conjunto com as observações, metodologias de construção de dados que são complementares (ZAGO, 2003, p. 298). Na utilização das entrevistas como metodologias, Zago (2003) argumenta que as classificações comumente atribuídas a elas são insuficientes (estruturada, semi-estruturada, aberta), pois este instrumento de produção de material empírico não poderia ser entendido como uma receita a ser aplicada em toda e qualquer situação indiscriminadamente. Para essa autora, a entrevista não é uma técnica que deva ser usada mecanicamente e tampouco transposta para situações de pesquisa; mas sim, que cada pesquisador deveria conduzir a entrevista de acordo com suas possibilidades de investigação e com as problematizações elaboradas, a fim de que esse instrumento seja utilizado de maneira singular em cada caso específico.

Além das singularidades e especificidades da aplicação da entrevista apontada pela referida autora, o que de certo modo é comungado por diversos autores (ZAGO, 2003;

DUARTE, 2002; SILVEIRA, 2002; BOGDAN e BIKLEN, 1994), cabe registrar que tal metodologia de pesquisa possui diferentes ênfases nas pesquisas em Ciências Humanas, as quais variam de acordo com os pressupostos teóricos que regem a utilização de tal recurso metodológico.

Ancorada no pós-estruturalismo, a entrevista não serve para buscar os dados de forma mais clara e exata naqueles que são entrevistados; não serve como um espelho que possa refletir os verdadeiros sentidos dos sujeitos sobre este ou aquele aspecto; tampouco serve como uma mediadora da verdade dos sujeitos (SILVEIRA, 2002). A partir do entendimento de que é na linguagem que produzimos os sentidos que atribuímos aos eventos, às materialidades e a nós mesmos no mundo, a entrevista é entendida como produtora e não reveladora de sentidos, e isso no momento mesmo da interação entre o entrevistador e o(s) entrevistado(s), e desde aqueles contextos, marcas e posições nas quais aqueles que participam da entrevista podem ocupar num determinado momento. Portanto, além de buscar analisar somente as falas brutas e descontextualizadas dos sujeitos participantes das entrevistas, é preciso estar atento aos modos como tais entrevistas podem ser produzidas.

Frente a essas considerações sobre a importância do contexto, dos sujeitos e dos modos pelos quais as entrevistas são realizadas, assim como

a partir do entendimento de que cada entrevista é uma intervenção e uma produção singular, construída no momento mesmo de sua realização, e a partir de temas e tópicos previamente definidos, porém flexíveis; passo a apresentar e discutir os modos pelos quais efetuei as entrevistas na investigação em questão.

Nos encontros de que participei, de acordo com a programação institucional de atividades para cada grupo juvenil, me foram cedidos espaços para que a realização de perguntas, a partir das quais eu dialogava com os participantes. As entrevistas se assemelhavam muito com conversas entre aqueles que estavam presentes; visto que, embora eu tivesse alguns tópicos e temas elencados, os diálogos não tinham uma direção única a ser seguida, isso porque quem iniciava as discussões era o coordenador dos grupos juvenis.

Esta ambigüidade experimentada por mim naquele contexto, qual seja, da conversa realizada nos grupos de jovens situar-se “entre-lugares”, ou seja, entre uma conversa e uma entrevista, é também referido por Silveira (2002, p. 131) quando comenta sua experiência de realizar entrevistas com professoras do Ensino Fundamental e viver uma situação próxima “a uma conversa casual, mas que, ao contrário dessa, está previamente marcada por algum objetivo” e, no meu caso, o objetivo de coletar junto aos participantes informações sobre as práticas acemistas em seus cotidianos.

A primeira entrevista foi realizada no final de uma reunião com os grupos de liderança juvenil, e a partir de algumas questões e de um roteiro de perguntas fechadas que eu havia previsto, procurei saber: nome, idade, há quanto tempo se conheciam e frequentavam o grupo de jovens e como se organizaram para participar de tal grupo.

A segunda entrevista, que seria re-elaborada a partir da primeira, conforme o andamento da pesquisa, foi realizada com base numa atividade programada pela instituição, ou seja, a partir de uma proposta de reflexão e questionamento por parte do coordenador para os grupos de jovens sobre um encontro realizado na ACM.

Dentre as inúmeras informações produzidas durante as entrevistas e que estavam, de certo modo, contempladas e previstas inicialmente, surgiram outros dados que se tornaram valiosos para as problematizações desenvolvidas ao longo de meu estudo. Tais informações não estavam previstas no roteiro inicial de problematizações, mas foram desenvolvidas de acordo com o andamento da pesquisa.

Alguns questionamentos, então, decorreram durante o próprio ato de entrevistar, quando pude tencionar com os jovens, elementos que estão para além das práticas realizadas nos encontros institucionais, como, por exemplo, alguns componentes do cotidiano desses sujeitos. Tal desenvolvimento proporcionou conhecer um

pouco mais sobre os sujeitos da pesquisa, não somente informações e dados que digam respeito à idade, nome, tempo de instituição e outras informações que estavam previstas, mas principalmente sobre aquilo que fazem quando não estão na ACM, ou seja, permitiu explorar alguns elementos de suas culturas juvenis, o que foi um aspecto muito valioso para as discussões posteriormente realizadas.

Talvez esses desvios e re-direcionamentos de tópicos se devam ao fato de que as intenções de pesquisa decorrem do próprio processo investigativo, a partir das necessidades oriundas da problemática do estudo e das questões que somos levados a fazer e buscar responder durante o processo de investigação, ou ainda, como enfatiza Zago (2003), a partir do fato de que o rumo da pesquisa tem relação com as produções que a própria pesquisa proporciona. A fim de problematizar tais considerações trago, a seguir, um excerto de entrevista que contempla esses re-direcionamentos de problematizações.

Quando solicitado que comentassem sobre algumas atividades propostas pela instituição em que atuam como jovens acemistas, os sujeitos investigados teceram os seguintes comentários:

Ricardo⁴ – Foi a que mais marcou (referindo-se a uma atividade específica da instituição), que mais ensinou, foi prática e foi direta. Deu pra aprender bem.

(A seguir re-direcionei a discussão para o cotidiano dos jovens, algo que inicialmente não estava previsto.)

Pesquisador – Então é uma atividade que ensina. Que teve um monte de temas. Como isso que vocês vivenciaram lá pode ajudar no dia-a-dia? Como pode ajudar na escola, na família, na vida? Como vocês trazem isso pro cotidiano, se é que trazem?

Helena – Eu e a Monique ajudamos os professores num projeto da comunidade, e a gente mostrou para eles como se faz a atividade do jacaré (atividade de recreação realizada no Encontro Regional de Líderes).

Pesquisador – Ah! então as atividades de recreação ajudam vocês a trabalharem aqui no projeto.

Coordenador – Quem de vocês já fez atividades recreativas para crianças aqui?

Helena – Nós duas já, eu e a Monique.

Daniela – Nós também! é que teve uma época que a professora da

escola tava escolhendo um de nós, dos grande, pra ir com eles dar aula por um dia no projeto.

A partir desse ponto, passei a tentar as práticas que eles realizavam quando não estavam na instituição e, entre tantos comentários, destaco os seguintes, a fim de projetar alguns modos de condução das entrevistas:

Pesquisador – E nesses projetos, o que vocês fazem?

Daniela – A gente tem um grupo de handebol, mas eu antes fazia dança.

(Daniela olha para Patrícia que baixa a cabeça)

Helena – Eu fazia artesanato!
(Intervenho e pergunto)

Pesquisador – Tu também Patrícia faz dança?

Patrícia – Fazia.

Pesquisador – E agora, tá fazendo o quê?

Patrícia – Em casa, cuidando do meu irmão.

Foi muito importante, naquele momento, atentar não somente para o conteúdo das falas, mas também, para o contexto em que elas foram geradas, assim como, os gestos e expressões daqueles que as enunciaram, tal como o gesto de Daniela para Patrícia (de baixar a cabeça) quando comentou sobre o fato de que fazia dança.

⁴ Como o nome real do indivíduo não importava em meu estudo, tanto como o lugar que ocupou ao dizer, o que disse, em que condições, com que efeitos e para quem, usei pseudônimos para identificar cada um dos jovens que foram citados durante as transcrições de falas e citações de comentários realizados por eles. Portanto, os nomes dos excertos das falas citadas não correspondem aos verdadeiros nomes dos sujeitos de pesquisa.

Neste momento, deixei a conversa continuar na fala de Helena, no entanto, quando houve um curto espaço de silenciamento, retomei com Patrícia a questão da dança, motivo pelo qual Daniela a olhou e ela, por sua vez, baixou a cabeça. Silveira (2002), ao comentar alguns elementos das entrevistas discutidos por Alasuutari (1995, *apud*, SILVEIRA, 2002), discute a importância de nos atermos não somente às falas dos entrevistados, mas também à situação de interação que se desenrola durante a entrevista, explorando as distintas posições e relações que são estabelecidas no momento mesmo da discussão.

Embora não seja este o foco das discussões a serem desenvolvidas neste texto, cabe ressaltar que foi a partir do momento que perguntei à Patrícia o motivo pelo qual ela não fazia mais dança que pude conhecer os aspectos constituintes das relações familiares daqueles jovens, pois o motivo pelo qual a referida jovem não fazia mais tal atividade estava ligado às relações familiares estabelecidas naquela comunidade e cultura local. Tal elemento, assim como as culturas juvenis antes destacadas, não estavam previstas nas problematizações iniciais, mas decorreram do movimento próprio da investigação e da pluralidade de embates de posições de sujeitos e produção de conhecimento ocorridos naquele espaço e momento.

Foi a partir das atividades de recreação, antes destacadas pelos jo-

vens, que ocorreu o desenvolvimento da discussão até chegarmos a conversar sobre alguns elementos do cotidiano deles, explorando como as atividades de recreação são vivenciadas por eles fora da ACM. Com aberturas de temas e assuntos, direcionamos a conversa para as práticas acemistas realizadas nos grupos e suas relações com as vidas dos jovens quando estes não estão na ACM, desde a escola, as praças, a turma de amigos, os finais de semana, as festas e outras atividades por eles realizadas fora da instituição; o que contribuiu sobremaneira para outras problematizações e desenvolvimento de análises que não estavam previstas quando do início do trabalho de campo.

4 MÚLTIPLOS ACONTECIMENTOS, ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A partir das problematizações que procurei estabelecer neste texto acerca das posições que nos constituem enquanto sujeitos pesquisadores e que atravessam e atuam os modos como produzimos conhecimento, de que maneira poderia, então, finalizar meus argumentos?

Diante do que até então discuti, tecer qualquer assertiva final e derradeira – ignorando outras possibilidades de ensaiar-se e ensaiar-me nos escritos deste texto - seria inadequado para o que venho argumentando, mas isso não me impossibilita de rea-

lizar algumas considerações sobre o que até agora problematizei.

O que gostaria de ressaltar é que diante da perspectiva teórica a que venho me inscrevendo para realizar meus estudos e escritos, parece-me necessário que busquemos tornar problemático os processos que utilizamos na produção de conhecimento, a fim de entendê-los como práticas demarcadas por diversos contextos e múltiplas posicionalidades, as quais acabam por delimitar e conduzir aquilo que por ora construímos como verdade.

Problematizar os modos que dispomos e utilizamos na produção de conhecimento requer, principalmente, que elaborem nossos estudos e suas produções em problemas, a fim de que aquilo que produzimos não seja elevado a um *status* de verdade definitiva, para que aprendamos a compreender que tal processo é decorrente de uma entre outras tantas formas de elaboração. Esse movimento implica questionar não apenas “como puderam ser construídas as diferentes soluções para os problemas; mas também como essas diferentes soluções decorrem de uma forma específica de problematização” (FOUCAULT, 2004, p. 233).

A não-proposição de verdades e soluções finais não implica que não seja possível – e diria até mesmo necessário – realizar considerações ou alguns apontamentos acerca daquilo que investigamos, mas implica estar atento para o fato de que inclusive

aquilo que estamos considerando também é passível – e diria também necessário – de ser posto em suspensão, de averiguar as singularidades que possibilitaram determinadas inferências e não outras.

Tais problematizações não diminuem e tampouco desvalorizam os nossos trabalhos, estudos e escritos, mas antes disso, os qualificam sobremaneira no momento em que buscam discutir as singularidades e especificidades de suas construções, abrindo novas frentes e possibilidades de elaboração para aqueles que, a partir destas discussões, procurarão re-criar e explorar as suas próprias produções.

São esses aspectos que venho colocando em minhas agendas de pesquisas, escritas e estudos. E você, quando escreve, pesquisa e estuda, que elementos balizam suas produções?

REFERÊNCIAS

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teorias e métodos. Porto, Pt: Porto Editora, 1994.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **CADERNOS DE PESQUISA**, Campinas, n. 115, p. 139-154, mar. 2002.

FOUCAULT, M. **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992.

_____. Polêmica, política e problematizações. In: FOUCAULT, M. **Ética, sexualidade, política**. Tradução

- de Elisa Monteiro e Inês Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. (Ditos e Escritos, 5)
- GEERTZ, C. Estar lá, escrever aqui. **Diálogo**, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 59-63, 1989.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- LARROSA, J. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 29, n.1, p. 27-44, 2004.
- MANSKE, G. S. **Um currículo para a produção de lideranças juvenis na Associação Cristã de Moços de Porto Alegre**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- MARCUS, G. E.; CUSHMAN, D. E. Las etnografías como textos. In: GEERTZ, C. et al (Org.). **El surgimiento de la antropología posmoderna**. 2. ed. Barcelona, Es: Gedisa Editorial, 1992.
- SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral**. São Paulo; Cultrex, 1995
- SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- SILVEIRA, R. M. H. A entrevista na pesquisa em educação: uma arena de significados. In: COSTA, M. V. (Org.). **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- TYLER, S. Acerca de la “descripción/desescritura” como un “hablar por”. In: GEERTZ, C. et al. (Orgs.). **El surgimiento de la antropología posmoderna**. 2. ed. Barcelona, Es: Gedisa Editorial, 1992.
- VEIGA-NETO, A. Olhares... In: COSTA, M. V. (Org.). **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- ZAGO, N. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M. P.; VILELA, R. (Orgs.). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

Encaminhado em: 11/07/06

Aceito em: 18/08/06